

portugal
evangélico

IGREJAS METODISTA E PRESBITERIANA

da
esperança
à ação

índice

Editorial	3
Cipriano - Bispo de Cartago	4
Geração da Esperança	6
Esperança: o caminho da semente ao fruto	8
Orar é "Ver" ver o que ainda está invisível	9
Deus é Libertador!	10
A aproximação do Advento...	12
Se Cristo não nascer em ti...	13
Música de Natal	14
O lado autêntico do Natal	16
Esboço de uma teologia da esperança	17
Dar: um sinal da nossa devoção a Deus	18
Federação das Mulheres Metodistas	19
Notícias do Oikoumene	21
Fórum Ecuménico Jovem	23
Notícias	24



Entidade proprietária: Igreja Evangélica Metodista Portuguesa • Directora: Estela Pinto Ribeiro Lamas
Sede da Redacção: Igreja Metodista, Praça Coronel Pacheco 23, 4050-453 Porto • Tel. 222007410 • Fax 22086961
Tiragem: 750 exemplares • Periodicidade: Quadrimestral • Registo no I.C.S. n.º 101560/74 • ISSN 1646-5482 • Depósito Legal n.º 201/84 • Nº contribuinte: 592004244
Execução Gráfica: Officina Digital, Lda - Zona Industrial de Taboeira, Lote 15 - 3801-101 Aveiro - Tel. 234 308 697 - E mail: geral@officinadigital.eu
Grafismo: Fernando Paulo e Eduardo Conde • Equipa redactorial: Estela Lamas, Eduardo Conde, Maria Eduarda e José Manuel.
Colaboraram ainda neste número: Ireneu da Silva Cunha, Manuel Rainho, Bob Butterfield, José Salvador, Eva Michel, José Manuel Cerqueira, Carlos Sousa, Eunice Alves, Daniel Rocha, Jorge Felício, Emília Linhares, José Leite e Tony Neves.

A equipa redactorial é responsável pela selecção do material enviado pelos leitores, mediante critérios associados à identidade das duas instituições.

O conteúdo dos artigos publicados e assinados é da responsabilidade dos seus autores. Os artigos não assinados são da responsabilidade da equipa redactorial.
O conteúdo do Portugal Evangélico pode ser reproduzido desde que citando a origem.

Assinatura individual nacional: 4,50 euros | Assinatura individual internacional: 9,00 euros | Assinatura benemérito: a partir de 12,00 euros



a esperança motor da ação e da transformação

Por que estás abatida, ó minha alma?
Por que estás assim tão perturbada dentro de mim?
Põe a tua esperança em Deus!

Salmo 46, 11

A *esperança* tem um papel constitutivo na temporalidade humana e é determinante da dinâmica que a deve caracterizar. Na tentativa da sua conceptualização, tem-se assistido ao longo dos tempos, à abertura de várias vias, umas mais ligadas ao *querigma* – a parte essencial da mensagem cristã; outras à *transitoriedade* da vida humana – o momentâneo, o *finitus*. Se bem que apontem para visões distintas, essas conceptualizações complementam-se, na medida em que a primeira traz à segunda a possibilidade da transformação do perecível em imperecível, do temporal em intemporal, *da transitório em eterno*! Essa possibilidade transformativa está em Deus e tornou-se uma realidade na e pela redenção de Cristo Jesus.

Nesta edição do Portugal Evangélico, começamos por ser confrontados, confrontadas com a *mudança de orientação de vida* de Cipriano, que se revela de uma pertinência inigualável, fortemente vivenciada em experiências duras, em sofrimentos severos. Efectivamente, *a esperança requer perseverança* e esta só é possível quando *o apelo à mudança vem de Deus*. Todavia, sabemos que, da nossa parte, é necessária a busca desse apelo, *a abertura à inspiração divina*, o nosso empenhamento, a nossa acção. Assim como a oportunidade de Cipriano foi vivida na adversidade, nas perseguições de que foi alvo, vemos, nas páginas seguintes, que também hoje *as oportunidades*, que se oferecem ao ser humano, surgem na adversidade e *exigem uma metanoia* tal como a estamos a sentir no seio da nossa juventude. Essa mudança de mentalidade transpõe das/nas inovações que vemos os/as jovens viver com *intensidade e determinação*, nomeadamente nos encontros que promovem, nos projectos que apresentam, no Fórum Ecuménico que teve lugar no princípio deste mês e do qual nos chega o apelo à construção de vidas e comunidades enxertadas em Cristo Jesus!

A *Geração da Esperança* é uma realidade, ela está em acção, no nosso meio, ela revê as suas

prioridades, ela está empenhada na sementeira – *utopia activa e concreta* que consiste em *agir no presente com vista ao futuro*, vislumbrando a essência da vida. Ela age e leva-nos a cada um, a cada uma de nós, a agir, a rever as nossas prioridades e convida-nos a focarmo-nos no essencial! É *um porvir autêntico que nos leva à eternidade, à liberdade, à verdade*, ecoando os passos de Deus.

A sociedade precisa desta geração que *renova a esperança*, apela à acção que leva a orar – *a ver o que está invisível*, a luz de Deus, a transformar as nossas vidas e as vidas daqueles e daquelas com quem nos cruzamos na nossa caminhada terrena. Estamos a viver o Advento e a *luz resplandece entre nós*; mais uma vez Jesus nasce para a humanidade e nos convida, pelo *clarão da esperança*, a viver a autenticidade da Sua dádiva.

E é em Jesus que a nossa esperança se concentra, é n'Ele, com Ele e por Ele, que nós, que O seguimos, que O assumimos como o Mestre dos mestres, podemos ser libertados libertadas do pecado, da dor, da aflicção; podemos atingir a transcendência, vencendo as dificuldades, com que nos deparamos no nosso dia a dia; podemos esperar fazer parte do Reino de Deus e, em complemento, tomar consciência de que a teologia da esperança, para além de nos levar a nos abrir à acção de Deus, nos pede a responsabilidade de tornarmos a esperança em motor da acção e da (trans)formação. Somos, pois, apesar das nossas limitações, chamados chamadas a agir em nome de Jesus, a sermos esperança, contribuindo para uma mudança real do mundo, construindo a proximidade pela partilha e pelo amor, promovendo a inclusão de quem sofre.

Feliz o homem que põe a esperança no Senhor!

Salmo 39, 59

Isabel Ribeiro

Cipriano

Bispo de Cartago

(210 - 258 A.D.)

O Mar Mediterrâneo, pelos antigos romanos chamado *Mare Nostrum*, é hoje, juntamente com os países da grande costa norte africana, uma inquietante fonte de preocupação para o mundo, devido ao trágico êxodo de tantos milhares de refugiados das guerras e da fome que se arriscam a nele navegar para a Europa, em condições perigosas, que têm conduzido muitos à morte por afogamento.

O acolhimento destes infelizes refugiados, na sua grande maioria muçulmanos ou animistas, levanta sérios problemas logísticos e doutra natureza às autoridades, causados pelas reações das populações e de certos governos de países classificados como cristãos, ao ponto de o Papa ter sentido, e bem, com a sua visita a Lampedusa, que devia fazer uma chamada de atenção para a inconcebível desumanidade do que tem estado a acontecer.

Outrora, nos primeiros séculos do Cristianismo, as igrejas cresciam como cogumelos no Norte de África, e em cidades como o Cairo, Alexandria e Cartago viviam e prosperavam muitas comunidades cristãs, com os seus diáconos presbíteros e bispos, tendo sido muitos deles notáveis pastores, escritores, pensadores e dirigentes, e alguns selado com o próprio sangue o seu testemunho.

Um dos mais notáveis bispos de Cartago chamou-se Cipriano. Nascido nos primeiros anos do séc. III, no seio duma distinta família pagã de senadores, recebeu a melhor educação do seu tempo, tornando-se um retórico e advogado muito conhecido e apreciado na cidade. Contudo o seu espírito inquieto e rigoroso procurava algo mais. Estudou o Judaísmo e o Cristianismo em busca de respostas. Um erudito presbítero cristão conduziu-o a Cristo, tendo o Senhor nele operado uma conversão radical, no ano 245, sendo Cipriano já um adulto na casa dos 30. Renunciou a tudo, posição, fortuna e saber pagão. Distribuiu os seus bens pelos pobres, estudou profundamente as Escrituras e nunca mais, nos seus escritos, fez qualquer citação dos autores pagãos que tão bem conhecia. Foi ordenado diácono e presbítero. Pela sua notável conversão, fervor e

cultura, cedo foi feito bispo na sua própria cidade, que o conhecia bem e o admirava.

O episcopado de Cipriano ficou assinalado por duas severas perseguições e também por duas acesas controvérsias. As perseguições foram motivadas pelo temor das autoridades perante o rápido crescimento do Cristianismo por todo o Império. A primeira foi decretada por Décio, e foi breve, pois o Imperador foi morto numa guerra, mas foi bastante severa. Os cristãos de Cartago, que já viviam em paz há 40 anos, e estavam instalados na sociedade cartaginesa, não estavam preparados para a severidade das repressões que foram chamados a sofrer. Muitos renunciaram à fé e voltaram às práticas anteriores que incluíam o reconhecimento da divindade do Imperador. Felizmente houve também muitos que permaneceram fiéis, perdendo tudo e até as suas vidas. Cipriano, para poder continuar a velar pela sua diocese, buscou um lugar de refúgio, e dali exortava os crentes à perseverança na fé. Pode assim sobreviver a esta perseguição e reorganizar a Igreja quando a perseguição cessou. Com os bispos e clero sobreviventes convocou um sínodo, e enfrentou o agudo problema do que fazer com os membros da Igreja que tinham negado a sua fé - chamados *lapsi* - e agora, arrependidos, queriam ser reintegrados na Igreja. Cipriano assumiu uma pastoral misericordiosa, não rigorista, aceitando-os mediante provas convincentes de arrependimento, decretadas num sínodo. O Bispo de Roma aprovou esta atitude, que foi a que prevaleceu na Igreja, mas houve muitos que discordaram, tanto em Roma como em Cartago, e criaram igrejas separadas, ficando conhecidos por *Novicianos*, apologistas de uma Igreja só de "puros". Esta divergência originou um cisma entre estas igrejas e a Igreja instituída.

Estes cristãos separados também promoveram o crescimento do número de crentes durante o tempo das perseguições, os quais foram por eles batizados. Quando muitos deles quiseram regressar à Igreja institucional, a presidida em Cartago por Cipriano, este não reconheceu o batismo ministrado pelos



separados, e exigiu que fossem batizados de novo. Nova controvérsia se levantou, na qual Cipriano não teve o acordo do bispo de Roma, importante pela presidência de honra que na época o Bispo da capital do Império tinha, e não porque lhe fossem reconhecidos os poderes de que hoje dispõe. Neste ponto Cipriano foi irredutível e permaneceu até à morte na sua posição, apoiado pelos muitos bispos da região. A propósito deste diferendo escreve o historiador católico Joseph Lortz: *“Nesta época (até ao século VI) não existiam títulos especiais para o Papa. Toda uma série de qualificações que mais tarde só se aplicariam ao Papa se aplicavam então também aos demais bispos.”* Muitos outros autores antigos e modernos concordam em que nos primeiros séculos da Igreja o Bispo de Roma era apenas um primeiro entre iguais, um *“primus inter pares”*.

O fim de Cipriano veio com a segunda perseguição, decretada por Valério, em 253, que foi muito violenta e extensiva a todo o Império. Preso e julgado, recusou terminantemente submeter-se ao decreto imperial que o obrigava a oferecer sacrifícios

ao Imperador. Perante a sua firme resolução, o presidente do tribunal disse: *“Expiarás o teu crime com o teu sangue”*, e Cipriano respondeu: *“Louvado seja Deus!”*.

Foi conduzido a um terreno próximo e ali, vendando ele próprio os olhos, ofereceu o pescoço ao gládio do carrasco. E assim Cipriano selou com seu sangue o testemunho da sua fé, confirmando-o para sempre e desfazendo qualquer dúvida sobre a sua atitude aquando da perseguição anterior. Isto está confirmado em ata do seu martírio e aconteceu no ano 258.

Cipriano foi também um autor bastante apreciado e é um dos *“clássicos”* da Patrística (literatura dos antigos autores cristãos), principalmente no que respeita à volumosa produção de cartas pastorais e documentos disciplinares. A sua obra *“De Unitate Catholica Ecclesiae”* é considerada uma das obras fundamentais da Eclesiologia (doutrina sobre a Igreja). Considerava os bispos essenciais à unidade e o acordo entre eles indispensável como expressão da unidade visível do Corpo de Cristo. Algumas das suas frases famosas, como *“Não pode ter Deus por Pai quem não tem a Igreja como mãe”* e *“Fora da Igreja não há salvação”*, devem ser lidas no contexto do ardor das controvérsias do seu tempo e não tinham originalmente a carga de sentidos que depois as polémicas posteriores lhes atribuíram. Muitas das suas restantes obras apologéticas e pastorais são úteis como testemunho das doutrinas, dos costumes e da disciplina eclesiástica nesses recuados tempos.

Cipriano, em tempos difíceis, enfrentou as situações problemáticas que se lhe depararam sempre com sentido pastoral, simultaneamente misericordioso e zeloso, lutando pelas suas convicções com denodo, deixando bom exemplo do que deve ser um bispo no seio do Povo de Deus. É mais um astro no meio da *“nuvem de testemunhas”* que a História da Igreja nos apresenta para nossa consideração.

Ireneu Cunha - Bispo Emérito da Igreja Metodista

geração de esperança

oportunidade na adversidade

Terminar os estudos, principalmente os superiores, já foi motivo de celebração. Hoje é o início das aflições. Para os jovens portugueses sair da formação escolar é enfrentar a dureza dos números: 42,5% de desemprego jovem. A crise económica abateu-se sobre eles sem misericórdia e com consequências ainda imprevisíveis. Não é de estranhar que a ansiedade seja hoje identificada como a emoção mais frequente nas sociedades ocidentais, efeito colateral da ausência generalizada de esperança. Num contexto pós-moderno – ou hiper-moderno como alguns julgam mais correto¹ – os resultados desta situação têm o potencial de serem desastrosos pois aumentam os problemas já existentes. Tal como definido por Jean-François Lyotard², o homem pós-moderno desconfia das metanarrativas, isto é, das explicações lineares da nossa existência capazes de nos conceder uma identidade e lugar no mundo. Para além disso somos portugueses, o que significa que nos caracteriza, segundo o filósofo José Gil³, um medo de existir, entranhado e incorporado na nossa própria maneira de ser. Assim, o jovem português está mergulhado num caldo cultural de características únicas. É-lhe inerente uma falta de esperança generalizada, com origens que vão bem mais além do que a atual crise económica: como típico pós-moderno, suspeita de todos os grupos de indivíduos que de alguma forma representam a autoridade instituída e que, pela liderança que lhes é inerente, poderiam gerar a mobilização, visão e a esperança que daí decorre. Esta desconfiança não se circunscreve apenas à classe política, descredibilizada há muito, mas a tudo aquilo que represente a autoridade no sentido mais amplo da palavra. Desde o professor da escola, às forças da ordem, aos representantes das instituições sociais e até aos próprios pais. Numa cultura onde as teorias da conspiração exercem uma atração desmedida, o jovem de hoje tenta ouvir para lá do que é dito, ver para lá do que lhe é apresentado, tentando descortinar o lado obscuro do exercício do poder, as suas fragilidades e mentiras, reconhecendo-as como “versões” de uma realidade que não é necessariamente verdadeira. Os próprios pais são encarados como uma geração vacilante, inconsistente mas principalmente acanhada na forma como exerceram a educação, presos entre o relativismo e a necessidade de valores concretos para lá daqueles já gastos e repetidos até à

exaustão como o respeito e tolerância pelo “Outro”, valores hoje tão opacos que sistematicamente são ultrapassados pelas necessidades de aquisição e posse de bens de consumo para ostentação e conforto. Ninguém estranhará esta falta de esperança generalizada entre a camada mais jovem da população. A realidade parece dar-lhes razão. Herdaram uma economia que se revelou insustentável não só em termos sociais como também ambientais. O planeta geme e as pessoas também. A coesão social encontra desafios cada vez maiores começando logo no casamento, instituição tão fragilizada devido à elevada percentagem de divórcio e que gera nos mais jovens a sensação de que o amor não existe verdadeiramente, apenas uma promessa vazia, calculista ou emotiva, e que se transforma, na maioria dos casos, em desilusão ou mesmo em pesadelo. Parece que nada existe de perene, concreto, confiável.

Numa cultura assim é natural que uma das maiores transformações ocorridas nas últimas décadas tenha sido a aquisição da *alienação* como valor positivo. Aquilo que era considerado um problema a combater, principalmente na linguagem marxista, é hoje um bem ativamente procurado: a capacidade de permanecer alienado. Estar alienado foi, até ao momento presente, um dos maiores ideais desta geração.

A capacidade de estar sempre em movimento, sempre em festa, sempre noutro lugar que não aquele onde se está efetivamente. Todavia, este ideal que se pode traduzir na expressão *work hard and party harder* é, agora, mais difícil de concretizar, por falta de recursos e por falta de trabalho. Sem capital excedente e sem acesso ao crédito, não mais se consegue encontrar o financiamento necessário para a vida frenética das gerações mais jovens. Tal situação é dramática pois implica sair da alienação através da qual se evitava pensar na sua *condição* (tal como Lyotard a definia) e encarar o rosto disforme e horripilante do desespero sem máscara e ornamentos. Não nos enganemos, contudo: a falta de esperança e o desespero que daí advém não é angústia por ausência de sentido na vida ou por falta de

metanarrativas, mas pelos simples *espaços vazios* ou pelos *tempos silenciosos* de quem não mais consegue prolongar uma “festa” que se pretendia interminável.

Não há, então, boas notícias? Não há esperança para esta geração? Há sim!

Dizia uma letra de um cantor⁴ em dia inspirado que *“Tudo aquilo que os meus olhos desejam não é seguro que seja o que eles vejam”*. Ora, o contrário é também verdade. Aquilo que desejamos evitar consegue ser, muitas vezes, aquilo de que precisamos. Toda a capacidade e vitalidade presentes nesta geração extraordinária de jovens – que parecia em estado de criogenia forçada pela prática do consumismo e de alienação compulsiva – parece agora estar prestes a ser libertada. Da mesma forma que o apóstolo Paulo enfatizou que o processo de tornar-se discípulo de Cristo implica necessariamente uma *metanoia*, isto é, uma conversão e mudança de mentalidade (Rom 12, 2), assim parece ser o resultado desta crise recente que proporciona oportunidades de mudanças todos os dias. Chegámos a um momento crucial da nossa história não só nacional como pessoal, acima de tudo porque temos uma oportunidade de revermos as nossas prioridades. O que vale realmente a pena na vida? Cristo afirmava que felizes seriam aqueles que choravam porque eles serão consolados. O choro abre o nosso coração e a nossa mente para a possibilidade de mudança e para o que realmente importa. A felicidade é algo que não depende de bens adquiridos mas

de uma atitude interna que valoriza os pequenos gestos do quotidiano: amizades, o riso partilhado, a possibilidade de estender a mão em auxílio, o caminhar junto e o lutar por objetivos em comum abandonando este torpor que nos caracteriza já por demasiado tempo. Dizia Tolentino Mendonça que a fé desinstala-nos para vivermos na dependência de Deus. Significa isto que a esperança que a fé nos traz advém precisamente de uma metanarrativa – a do Evangelho – que nos confere identidade e um lugar no mundo independentemente das circunstâncias. Sabemos que, enquanto discípulos de Jesus que carregam a sua cruz e que fazem dele o depósito da nossa opressão e cansaço, fazemos parte de uma história coletiva bem mais importante que a nossa pequena história individual e que a nossa ação neste mundo não se mede pelos resultados imediatos mas pelo todo no qual agimos enquanto corpo de Cristo.

Não sei que dramas familiares e pessoais esta crise pode estar a provocar em cada jovem que lê estas linhas, mas sei que abraçar a fé implica sentir o que Paulo sentiu quando escreveu que *«a paz de Deus que excede todo o entendimento guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus»* (Fil 4, 7). A esperança que nos conduz é a de que fomos resgatados das trevas para a luz e que *«todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus»* (Rom 8, 28), lugar onde cada situação específica se transforma numa oportunidade para a manifestação de Cristo. A *metanoia* para a qual nos abrimos em certo momento das nossas vidas deve preparar-nos para abraçar a adversidade, abrindo o nosso coração à ação que Deus pretende há muito ter nas nossas e nas vidas de toda uma geração de jovens portugueses. Se o fizermos, alguma coisa mudará não só em nós como também nas atuais circunstâncias que nos envolvem. Foquemo-nos no essencial, na voz de Deus à nossa volta, e a esperança voltará a brotar dos nossos corações. A sociedade está ansiosamente à nossa espera.

Manuel Rainho
Obreiro do Grupo Bíblico Universitário

¹ Gilles Lipovetsky em *A Hiper-Modernidade* reformou o conceito mais usado de pós-modernidade.

² Lyotard, Jean-François. *The postmodern condition: a report on knowledge*. Manchester: Manchester University Press, 1984, p. 24

³ Gil, José. *Portugal Hoje – O Medo de Existir*, Lisboa: Relógio d'água, 2004, p. 68

⁴ Pires, Jonatas. “Um Beco sem Saída”. *Tudo é Vaidade*. Flor Caveira, 2011

*Uma casa de silêncio ergue-se no horizonte
Suas colunas são de incerteza e inquietude
Mas, bem de dentro da casa,
Nasce um pátio de esperança
E semeio-me em seu redor.*

2009

O ato de semear é, sempre, um gesto grávido de esperança! Mesmo que conheçamos o fruto originário da semente, há sempre a imprevisibilidade do clima, das condições do solo, até a incerteza do momento ideal da sementeira.

O gesto delicado do semeador é das mais belas orações erigidas ao Senhor, Criador do Universo!

Quer seja na intensa labuta do lavrador, quer seja no prazeroso passatempo do jardineiro, a esperança dança suavemente no olhar de quem semeia!

Não foi Deus, Ele mesmo, o Grande Jardineiro? Não somos nós suas sementes? Não é o Ruah, o sopro vital, a esperança de que a semente germine e se transforme em fruto?

O sábio pedagogo e teólogo Rubem Alves, no seu belo livro *Gaiolas ou Asas*, partilha connosco um delicioso texto intitulado Jardins, onde nos recorda que o Paraíso (o Grande Jardim) é o grande sonho de Deus, o Seu rosto sorridente. No Éden não existiam templos nem altares, pois Deus passeava-se por meio do Jardim.

Segundo as visões dos profetas, o Messias é jardineiro. Vai plantar de novo o Paraíso: nascerão regatos no deserto, nos lugares ermos nascerão a murta (perfumada), as oliveiras, as videiras, as figueiras, os pés de romã, as palmeiras... E lá, à sombra das árvores, acontecerá o amor... Releia o livro dos Cânticos dos Cânticos.

Olhamos o nosso atual contexto e, por vezes, parece-nos que o outono invadiu a alma desta

geração. Mas, por um lado, não esqueçamos que a nossa vida é, em si mesma, a dinâmica do Ruah, Esperança em ato. Por outro lado, e seguindo a metáfora da sementeira aqui utilizada, há sinais evidentes que nos indicam que esta geração é a geração da esperança: o regresso de muitos jovens ao campo, ao investimento nas atividades agrícolas, a valorização da terra, do cultivo, do semear... Nesta Geração germinará a poesia e a espiritualidade. Voltarão a ecoar os passos de Deus, caminhando pelo Jardim.

Outono

*Não será o chão o meu destino
Momentaneamente nele repousarei
para sentir o pulsar da terra*

*Mas o bailado do vento,
um sopro de vida,
me lançará para a primavera.*

2012

Proposta de atividade/oração: sementeira

Prepare um pequeno canteiro, um pedaço de terra, um vaso ... Semeie nele algo que queira ver germinar. Faça desse momento um ato de louvor, de oração, de encontro com o Criador. Seja Esperança.

Daniel Rocha - formado em teologia - Chefe de Escuteiros

esperança

o caminho da semente ao fruto

orar é **Ver** ver o que ainda está invisível

A oração traz-nos luz e discernimento – pois é no contexto da oração que o Espírito Santo de Deus nos vai guiando, tornando-nos verdadeiramente filhas e filhos da luz (Ef 5, 8).

A palavra que provem de Deus é uma palavra que age na vida das pessoas e no mundo, desviando-nos da nossa vã existência e dando-nos uma nova consciência e uma nova atitude perante a vida, “Vede prudentemente como andais, não como néscios (sem entendimento), mas como sábios”. Esta sabedoria de vida pode ser-nos transmitida se a pedirmos em oração, como diz Tiago: “Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada.” (1, 5)

No cego do texto do Evangelho (Jo 9), a ação da palavra de Cristo faz com que uma pessoa, desde sempre mergulhada nas trevas, veja de imediato a luz. Como seria a sensação? Certamente a mesma sensação de renascer para a vida – depois de enterrado o pecado, que nos leva para longe de Deus. É como se passássemos literalmente da morte para a vida – “das trevas para a luz”, expressão usada tanto pelo evangelista João, como pelo apóstolo Paulo.

A oração é um caminho que nos pode levar da obscuridade, da dúvida persistente ou da recusa em saber, para a luz da fé. A dúvida e a recusa são configuradas na atitude dos vizinhos do cego e a dos fariseus; a fé, se bem que incipiente, é a do ser humano a quem foi restituída a vista de uma forma completa e extraordinária.

Também a nossa fé pode estar por vezes debilitada. No meio dos dramas da vida, quando precisamos desesperadamente da intervenção de Deus, clamamos como o pai do menino endemoninhado: “Senhor, eu creio, ajuda a minha incredulidade!” (Mc 9, 24). A fé e a esperança andam de mãos dadas.

A nossa visão pode estar temporariamente enfraquecida, mas nesses momentos sombrios o Senhor estende a sua mão para nós e vai retirando as “catarratas” que embotam a nossa visão espiritual. É aí que a oração de confissão tem lugar na nossa vida. A oração abre-nos caminho para o perdão e ajuda-nos a recuperar a nossa visão de Deus, capaz de transformar igualmente a nossa visão dos outros e do nosso mundo em geral.

Jesus vê a cegueira dos que se aproximam, tateando no escuro; Ele toca os seus olhos e envia-os ao tanque de Siloé para que vejam: “Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo”. Ele é a sua e a nossa luz. Perante Jesus Cristo, reconhecemos como o Salmista, que ora a Deus em pura contemplação, “Senhor, em ti está o manancial da vida; na tua luz veremos a luz”.

Orar é “ver”; ver a luz de Deus, transformando a nossa vida à medida que o nosso diálogo com Ele se desenvolve e se aprofunda num louvor e numa prece incessantes. Orar é “ver” e ver, com a sabedoria por Deus concedida, é viver em esperança, é caminhar em direção a Deus! Quem crê, ora, e passa a “ver” aquilo que é invisível aos olhos dos que resistem à fé.

Aqueles e aquelas que antes não viam, pela intervenção da palavra poderosa de Cristo, passam a ver; mas aqueles que não O vendo, insistem que a sua visão, a “carnal”, é que é a correta. Esses continuam cegos: “Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não veem vejam, e os que veem sejam cegos”.

Os discursos da cegueira são muito comuns hoje em dia. Discursos de quem pensa que vê e sabe, mas que continua orgulhosamente a tatear no escuro. “Maior cego é aquele(a) que não quer ver”, diz o ditado popular.

Orar é “ver”, reconhecer a luz e refleti-la na sua vida e na dos outros.

“Andai como filhas e filhos da luz, aprovando o que é agradável ao Senhor...entendei qual seja a vontade do Senhor...enchei-vos do Espírito, falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais: cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.” (Ef 5, 8.10. 17-20).

DEUS

Isaías 35

“...E os resgatados voltarão e virão a Sião com júbilo;
alegria eterna haverá sobre a sua cabeça; gozo e alegria alcançarão,
e deles fugirá a tristeza e o gemido” (v. 10).

Por duas vezes, no espaço de 10 anos, Nabucodonozor, imperador da Babilônia, invade Israel, impõe a sua soberania e leva judeus cativos. Na segunda vez, cerca do ano de 587 a.C., e após um cerco de mais de dois anos, Jerusalém e o Templo são destruídos, o próprio rei Joaquim e muitos dos seus nobres e do povo, são levados em cativeiro.

Foi uma tragédia política, com a perda da independência e a subjugação ao domínio de uma outra nação. Foi uma tragédia social, com as pessoas arrancadas às suas casas, às suas famílias, às suas raízes.

Mas restou a esperança de que Deus em breve iria intervir e libertar o Seu Povo. Porém os meses fizeram-se anos, os anos fizeram-se décadas, e nada acontecia. E a tragédia ganhou uma nova dimensão: a derrota de Israel deixou de ser só a derrota do rei e do povo. Passou a ser a derrota também do próprio Deus de Israel. Onde estava Ele que deixava o Povo naquela situação? Porque não intervinha? Não era Ele o Deus que com poder libertara do Egito de forma tão maravilhosa? Ou era Ele, afinal, menor que os deuses da Babilônia? Será que Ele existia mesmo?

Assim a tragédia tornou-se crise de Fé e de confiança em Deus, a tristeza abateu-se sobre os cativos – “Junto aos rios da Babilônia nos assentámos e chorámos a lembrança de Sião...” (Sl 137) – para a seguir vir a resignação e, talvez, o esquecimento...

É neste quadro de desesperança que soa a voz de Deus, pela palavra do Profeta, para afirmar a Sua soberania sobre a História, que contará outra vez, tal como acontecera no Egito, o poder libertador de Deus, que transforma a derrota em júbilo e alegria (Isaías 35). A Palavra de Deus que permite voltar a ter Esperança.

Hoje vivemos um tempo de muitos e dolorosos “cativeiros”. Vivemos o cativeiro de uma ordem económica mundial injusta, geradora de sofrimento, que faz os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. O cativeiro da imposição de um conceito de desenvolvimento insustentável, forçado pelos poderosos (veja-se a dificuldade em rever e alargar o Protocolo de Kioto e quem é responsável por essa dificuldade), não obstante os sinais cada vez mais visíveis, das trágicas consequências do desrespeito pela Criação – comissão das Nações Unidas acaba de afirmar que o ano de 2013 é o pior da última década em termos de fenómenos naturais extremos e as notícias estão cheias de informação sobre os enormes danos que têm causado, o rasto de destruição que deixam atrás de si.



é libertador!

Pastor José Salvador - Igreja Presbiteriana

A nível nacional, encontramos-nos “cativos” de uma troika que impõe austeridade a todo o custo (os nossos políticos falam constantemente de sermos um “protetorado” da Europa) e os nossos credores parecem insensíveis às consequências resultantes desta política: pobreza, desemprego, emigração dos jovens – fome, perda da habitação, abandono da escola, abandono dos idosos. Ao mesmo tempo, notícia destes dias, aumenta o número de multimilionários no País!...

“Cativeiros” na nossa Igreja também não é coisa que falte. Desde logo o cativo de uma debilidade histórica, resultante de uma “Igreja Protestante sem Reforma Protestante”, por força da Inquisição, que impediu que os ventos de mudança e renovação que varreram a Europa, que trouxeram liberdade, cultura, desenvolvimento, chegassem à Península Ibérica. Ficámos assim aprisionados no obscurantismo de uma fé supersticiosa e fatalista, que o Estado Novo havia de solidificar, na perspetiva de um destino (Fado) “marcado nas linhas da palma da mão” e que apenas havia que aceitar com resignação. Frágil, mal tolerada, ignorada, raramente encontrou capacidade para se afirmar na sociedade e ser uma voz audível e respeitada – viveu em espírito de “gheto”, anti-católica, anti-política, anti-ecuménica. Só na segunda metade do século XX uma nova visão do “ser Igreja” começou a surgir – igreja aberta ao mundo, à sociedade e aos seus problemas, aos desafios colocados pelo Evangelho diante das realidades de injustiça, violência, de atentado à vida. Mas há ainda um longo caminho a percorrer!...

Entretanto outros “cativeiros” permanecem ou vieram a ser criados. Um deles é o do fundamentalismo bíblico, de que temos visto laivos recentes. Ainda presente no meio de nós, faz da palavra bíblica mais do que um anúncio de salvação, uma palavra de julgamento e

de exclusão, sobretudo em relação ao que é “diferente” – imigrante, toxicodependente, o que vive em união de facto, o homo-afectivo – olhados, por alguns, com olhar de suspeita ou mesmo rejeição...

Para já não falar das “edições atualizadas” daquele espírito que Paulo chama de “contenda” e que critica em I Coríntios 1, 11-13 e 3, 4-6: “... Eu sou de Paulo; e, eu, de Apolo; e eu de Pedro; e eu de Cristo...”, espírito que cava divisões e atenta contra a unidade do Corpo de Cristo.

Que fazer, pois?

Como os Judeus na Babilónia, penduraremos as nossas harpas nos salgueiros, sentar-nos-emos e choraremos? Como pessoas sem esperança, a quem Deus possa ter abandonado?

Aproximamo-nos do Natal. Se os cativeiros podem ser sinais de trevas, o Natal é anúncio de Luz – “E a Luz resplandece nas trevas e as trevas não prevaleceram contra ela” (Jo 1, 5). Tal como a Palavra libertadora de Deus soou, por Isaías, para o povo de Israel, ela soa para nós, em Cristo, a Palavra libertadora para toda a Criação.

Apesar de todos os cativeiros, Deus não abandonou o seu projeto de Vida para todos. Como senhor da História, nós cremos que Ele continuará a realizar o Seu Reino, “já chegado” (Mt 10, 7) e que nós somos chamados a anunciar e revelar..

É também por nós que hoje há de soar a Palavra do Senhor que liberta. Sejam Igreja acolhedora, inclusiva, que sabe cuidar, libertadora de preconceitos e julgamentos: Igreja-acontecimento-realização dessa Palavra.

Então guardaremos e espalharemos a Esperança e veremos realizada a visão do Salmista: “A Misericórdia e a Verdade se encontraram; a Justiça e a Paz se beijaram. A Verdade brotará da terra, e a Justiça olhará desde os céus” (Sl 85, 9-10).

Nisto cremos, por isto temos de empenhar-nos!

a aproximação do **advento** e o (re)nascido da esperança do cristão, da cristã

O Advento é o primeiro tempo do Ano Litúrgico, aquele que antecede o Natal. O Advento é um **tempo de preparação e alegria, de expectativa**, durante o qual, os fiéis, esperando o nascimento de Jesus Cristo, vivem o arrependimento e promovem a fraternidade e a paz.

Explorando o sentido da palavra 'advento', vamos ao latim e encontramos o verbo *advenire* que significa 'chegar a algum lado' ou 'esperar por alguém'; *adventus* é o particípio passado – aquele que é chegado ou aquele que espera por alguém. Reúne, pois, em si, dois seres: Aquele que chega e o que espera Aquele que está para chegar. Deus chega pelos caminhos da paz, pronto a recolher os nossos fardos, os nossos pecados; traz com Ele a Sua luz para iluminar a nossa escuridão; traz Vida para fortalecer a nossa identidade de cristãos, de cristãs atuantes.

De facto, em toda a liturgia do Advento ressoam as promessas de Deus que foram cumpridas em Jesus Cristo e por Jesus Cristo. É esta expectativa gerada no Advento que nos conduz a um estado de vigilância e de preparação para receber o Deus Menino. A expectativa vigilante é sempre acompanhada de alegria intensa. Por isso podemos afirmar que o Advento é tempo de expectativa jubilosa porque aquilo que se espera irá, sem qualquer dúvida, acontecer. **Deus é sempre fiel!**

Deve ser, também, um **tempo de esperança**. Paulo assim o afirma, em Romanos 15, 13 – “E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo”. Por isso mesmo, toda a **Igreja vive dessa grande esperança**, e nela o Advento nos mergulha. O povo de Israel esperou o cumprimento das promessas de Deus. Na esperança, a Igreja vive a sua existência como graça de Cristo para todo o ser humano. O Advento é o tempo litúrgico em que *a educação para e pela esperança* deve acontecer – uma esperança que se torna, pela graça de Deus, forte e paciente; as nossas crianças, vivendo no espírito do Advento crescem, experienciando em comunidade uma esperança confiante. Nós, homens e mulheres, vivendo no espírito

do Advento, experienciando uma esperança confiante, tornamo-nos mais fortes!

O Advento é, ainda **tempo de conversão**.

A experiência mostra-nos que não existe possibilidade de esperança e de alegria sem a entrega a Deus – uma entrega de todo o coração, na expectativa da vinda do Senhor, do nascimento do Deus Menino! Para isso, urge converter radicalmente os nossos corações a Deus com a real disposição de deixar o que é velho em nós e de assumirmos a (re) novação das nossas vidas.

O Advento é a estação da esperança; a esperança é a meta e o desejo é a partida. Em cada ano, o Advento apresenta-se-nos como **a pedagogia do desejo**. Através das leituras, dos cânticos e das orações, que nos propõe, a liturgia conduz-nos, a cada um, a cada uma, de forma diferente conforme o nosso sentir, conforme a nossa necessidade. No Advento condensamos todas as nossas expectativas no grito «Vem, Senhor!», grito que brota da solidão, da angústia, da fragilidade e do medo de todos aqueles sentimentos que marcam, de modo brutal e doloroso, o nosso ser de pessoa incompleta, que se manifestam na urgente necessidade de Deus nos socorrer. No fundo, é o Senhor que nós esperamos alcançar e é o desejo de O reencontrar que nos move, que nos põe a caminho, para ir ao Seu encontro, no e pelo encontro com o nosso próximo.

Na verdade, apesar das nossas descrenças e das nossas impiedades, Deus vai revelando a Sua obra salvífica, ao longo dos séculos. *Ab initio* – desde sempre, Deus possui a visão completa daquilo que nós chamamos a História da humanidade; a sequência dos acontecimentos só é perceptível para nós, seres fracos e imperfeitos, localizada em lapsos temporais e espaciais limitados. A nossa capacidade de reter esses factos é, também ela, limitada, mas Deus vai-se revelando, dando-nos a conhecer a Sua face, a Sua natureza. Ele vai seleccionando um e outro, uma e outra para completarem essa revelação. Por vezes, como que num aviso, essa revelação não é só para o momento que se vive – o aqui e o agora; essa revelação vai um pouco mais além.

Diaconisa Estela Ribeiro Lamas
Igreja Metodista

se Cristo não nascer em ti...



Enquanto escrevo, olho para um pequeno presépio que me acompanha há já muitos anos.

Nas simples cores naturais da madeira, lá estão eles: Maria, José, o menino. Um pastor com as suas ovelhas. No fundo, duas palmeiras, enormes, atrás duma espécie de teto protetor, suportado por traves a sugerirem a cruz.

Enquanto o meu olhar se perde nesta cena, ressoam em mim as palavras dum belo cântico de Natal:

"Aqui estou eu, ao lado do teu presépio, Jesus, tu, a minha vida. Ofereço-te o que tu me tens dado: o meu coração, a minha alma, o meu sentir ... toma-os, toma tudo!"

Antes de eu nascer, já pensaste em como tu pudesses tornar-te meu!

Na altura em que passei pelo vale da sombra da morte, tu eras o meu Sol, a luz que me guiava.

Nos dias em que o meu coração chora, a tua palavra me consola.

Por isso, peço-te apenas uma coisa, meu Senhor: Deixa-me ser eu a manjedoura que te acolhe! Fica perto de mim, dentro de mim!"

Palavras simples, palavras duma profunda ternura, quase ingénua ... Ao mesmo tempo, palavras que nos levam para além de todas as aparências, para além das tradições natalícias, das festas, das cantatas, dos mil afazeres e, claro está, para além de tudo aquilo que, mal acabam as férias do Verão, nos é apregoado como *inefável espírito natalício*. "Se Cristo não nascer em ti, tudo o resto não tem importância", insiste Angelus Silesius, um místico alemão do século XVII.

É isto, ponho-me a pensar, é isto o centro do Natal! Faço disto o centro da minha oração, nestes dias

em que o brilho das miríades de lamparinas não consegue verdadeiramente aquecer os dias mais escuros e frios dum ano marcado pela crise: que Cristo nasça em mim, em ti, em nós. E que, através de nós, encontre um lugar no nosso mundo atual. Cristo, Deus irreconhecível numa criança indefesa ... Cristo, Emanuel, Deus connosco!

Imagino que terá sido com este intuito que, um(a) artista do Brasil cujo nome ignoro, desenhou Maria sozinha com o seu filho numa barraca improvisada, à margem duma cidade moderna. Iluminados por uma enorme estrela brilhante, no céu.

Uma estrela para nos guiar aos lugares onde hoje podemos encontrar Cristo — os lugares onde Ele está à nossa espera.



Não vemos nenhuma estrela, podemos objetar, não ouvimos nenhum coro de anjos, nenhum sonho nos indica o caminho. Deus, tantas vezes, parece estar longe do nosso mundo, longe da nossa vida.

Mas temos, sim, o testemunho dos evangelhos! Temos as visões dos profetas! E é bom e importante que os leiamos! Que recordemos as suas palavras! Que as implantemos bem fundo nos nossos corações! Pois são palavras que nos desafiam, palavras que nos ensinam a olhar para além das aparências, a olhar o mundo com os olhos de Jesus, a vislumbrar o que tantos já não vêem (ou não querem ver), a intervir e a agir inspirados pelo Reino de Deus como Jesus o mostrou, tornando-nos instrumentos da sua Paz.

Será então que Cristo nascerá no meio de nós e em nós. E será Natal, verdadeiramente Natal.

Pastora Eva Michel - Igreja Presbiteriana

música de

Escrevendo algumas linhas sobre música de Natal, não podemos deixar de recordar que os primeiros núcleos do Evangelho a serem escritos foram as narrativas da paixão, morte e ressurreição de Cristo, e assim sendo, os primeiros textos a serem cantados teriam sido essas narrativas fundamentais da fé em construção. Não podemos deixar de lembrar que os discípulos, com Jesus teriam cantado no Templo e talvez durante as suas viagens, o que no seu tempo estava disponível para ser cantado: os Salmos. Em Marcos 14, 26 e em Mateus 26, 30, os Evangelistas não descuraram o que se passou, e dizem-nos que antes de saírem para o Monte das Oliveiras, todos cantaram o “Hino”, sendo que provavelmente se tratava de um dos Salmos próprios da celebração da Páscoa. O texto mostra-nos que depois de Jesus e os seus discípulos terem cantado, imediatamente se segue o “Hino do Galo”, que com a sua tercina é anunciador, à sua maneira, da manhã e da negação.

Se a Paixão é então fonte de inspiração, os restantes acontecimentos da vida de Cristo, com toda a naturalidade também o teriam que ser. No entanto enfrentamos algumas dificuldades para definir o crescimento do interesse por esses outros momentos, ao qual o nascimento nos escapa.

A paixão e morte eram fundamentais como fonte de ensino e de afirmação, porque tinham por concretização o mais importante dos acontecimentos de toda a História: a Ressurreição. Era a vida nova oferecida aos crentes e a partir dessa nova alegria era necessário fazer uma espécie de conclusão para trás. Era necessário que a Liturgia da Igreja recordasse o seu Anúncio, a sua conceção Virginal, o Mistério da Encarnação. Mais uma vez a fonte natural foi a sagrada Escritura. Estava lá tudo o que era necessário, até porque pelo menos segundo Lucas, a noite do Nascimento de Jesus foi de grande agitação e especialmente, foi uma noite poética.

Canta Zacarias, esse belo e tão esquecido Hino: “Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e remiu o seu povo...”; cantam os anjos nos céus: “Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens...”; canta Maria: “A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador...”. De certa forma Isabel canta quando se encontra com Maria sua prima: “Bendita és tu entre as mulheres, e bendito o fruto do teu ventre...”. Simeão, que num dos momentos mais ternos de todo o Evangelho, eleva nos seus braços o Menino Jesus, e seguramente olhando-o nos olhos, entoa:

“Agora, Senhor, despede em paz o teu servo, pois já os meus olhos viram a salvação...” Este que é um cântico para todos os que na velhice, de bem com Deus, com a fé e com o mundo, se podem despedir da vida em paz porque já viram tudo o que tinham a ver... E finalmente, levando ao extremo as nossas considerações, todo o anúncio dos anjos a todos os intervenientes nesta noite, é um cântico, sempre com o mesmo refrão: “Não temas... Não temais...”. Sempre este: “Não temais”. Assim se formam na Igreja os grandes hinos da Natividade do Senhor. Mas alguma coisa correu mal, porque nada disto teve grande impacto no povo. Talvez pela profundidade dos textos, talvez pela Solenidade imposta pelas Escrituras, talvez pelo ritmo e melodias... o que daqui resultou foi uma tradição absolutamente diferente e independente, numa palavra: popular! Se repararmos bem, o primeiro grande núcleo da música de Natal, e nas línguas naturais dos povos cristãos, palavras de todos os dias, muitas vezes em latim misturado com expressões populares, a manjedoura passa a ser as lareiras de casa, com melodias simples, ou mesmo simplistas, acompanhadas por instrumentos associados aos pastores, como as flautas, os flautins e pequenos instrumentos de percussão, e a voz, acima de tudo a voz, instrumento do Verbo, instrumento por excelência da comunicação e anúncio do Nascimento do Menino. Isto explica, em parte, a quantidade quase infinita das chamadas “Canções tradicionais de Natal”, às quais mais tarde ou mais cedo todas as Igrejas tiveram que ceder terreno, mas não sem terem tido um caminho muito difícil. Seriam as Igrejas Protestantes a abrir-lhes as suas portas, com as devidas correções textuais, para que ser tornassem mais pedagógicas e doutrinárias.

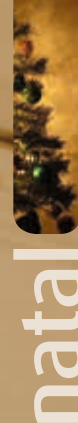
Correndo o risco de excluir todo um mundo inesgotável desses “Hinos/Canções”, não posso deixar de mencionar duas obras importantíssimas da música europeia de Natal, até pela sua universalidade.

A primeira está envolta num mistério que me é particularmente caro, e toma o nome das suas primeiras palavras em Latim: “Adeste Fideles”, traduzido para Português como: “Oh vinde fiéis triunfantes alegres”.

O primeiro e mais antigo manuscrito deste Hino é ainda hoje propriedade da “Capela Musical” da Embaixada Portuguesa em Londres, onde parece ter sido cantado pela primeira vez e à porta fechada, numa celebração Católica Romana. Diz-se que foi o nosso “Rei Músico”, D. João IV, que o escreveu cerca do ano de 1640, embora este facto

natal

Pastor José Manuel Cerqueira ~ Igreja Metodista



natal

até agora continue a não se conseguir provar com toda a certeza. A verdade é que provocou o mesmo impacto emocional que ainda hoje nos provoca a nós, e até aos nossos dias, ininterruptamente, não mais deixou de ser cantado ou tocado em qualquer celebração condigna de Natal. O Hino vai aparecer seguidamente nas grandes recolhas himnológicas Católicas Romanas, Anglicanas e Reformadas e em quase todos os Hinários um pouco por toda a Europa. O Adeste Fideles aparece logo na primeira edição dos Salmos & Hinos de 1899, devendo-se portanto ao nosso Hinário a responsabilidade de ter trazido de volta para Portugal as palavras e a música, mas não propriamente na sua ordem natural... Aqui começa para mim uma parte do mistério! Ele aparece com o título "Portugal". Inclusive alguns desses Hinários, em nota de roda pé informam acerca da sua proveniência e composição. Mas a verdade é que em meados do Século XX o título "Portugal" desaparece sem deixar rasto. Tendo neste momento diante de mim 4 Hinários Ingleses, sendo dois deles da Igreja Metodista Britânica, todos atribuem a sua composição a um tal John Francis Wade (1711-1786), o qual não faço a mínima ideia quem seja... Mas o inexplicável continua. No Salmos & Hinos da última edição usada pela Igreja Metodista, o texto "Oh! Vinde fiéis triunfantes alegres" está estranhamente deslocado porque lhe é atribuída a música do Hino 439, com o título "Leão de Judá" e que é de uma pobreza inexplicável. A melodia original tem o número 326, cujo texto é do tempo Pascal e de uma feliz variante: "Ó vós que passais pela cruz do Calvário...". De certa forma podemos dizer que este cruzamento de épocas da vida litúrgica está no seguimento da cultura teológica musical da Reforma, em que no Natal se lembrava que o Menino vinha para morrer e Ressuscitar por nós e no Domingo de Páscoa se lembrava que a Ressurreição aconteceu porque Deus tinha vindo até nós no Menino, constituindo e construindo assim um círculo litúrgico hermeticamente fechado. Prova disso é o facto de no tempo de Bach essa continuar a ser uma das práticas mais frequentes. Só não consigo entender porque é que subitamente o título "Portugal" desapareceu dos Hinários. Não me parece ter sido o resultado de grandes investigações musicológicas, mas talvez apenas uma questão de incontrolável ambição de propriedade e fama, que tal Hino proporciona.

A segunda obra trata-se, evidentemente do "Noite de Paz". Este Hino tem uma história singela de ternura e beleza, e por ser temporalmente mais próxima de nós, ferozmente defendida. Diz-se

que numa noite fria de Natal, um rato roeu o fole de um órgão, deixando a Igreja sem instrumento. Pastor e organista em pânico a poucos minutos do início da vigília, e sem saber o que fazer, deitam mão à obra. De improviso, se nestas coisas improviso há, o Pastor escreve o texto numa folha de papel, e o organista numa guitarra compõe de súbito a melodia. Assim, com toda a naturalidade. O impacto do pequeno grande Hino nessa noite gloriosa, é tão grande e a comoção tão profunda, que dali, daquela Igreja completamente desconhecida até então, ele salta para todo o mundo. É juntamente com os "Parabéns a você" o poema mais traduzido da História da Humanidade. Na Noite de Natal de 1906, este Hino na "solidão" atravessou todo o Oceano Atlântico para saudar o Natal dos cristãos do Novo Mundo, naquela que foi a primeira transmissão de rádio intercontinental entre a Europa e os Estados Unidos. Deve ser o hino mais viajado da História da música cristã, porque neste preciso momento corre a 45.000 km por hora e já está a uma distância de 17.300 biliões de quilómetros do nosso planeta na "Gravação Dourada" que é levada pela Sonda Voyager em direção ao espaço profundo, acompanhando as mensagens de paz da humanidade. Pensando que esta Sonda tem uma esperança de vida de cerca de 40.000 anos, o nosso Noite de Paz, tem ainda um longo caminho diante de si e a grande responsabilidade de testemunhar do Nascimento de Cristo e da nossa fé. Continuo sem entender porque é que este Hino nunca teve lugar nem aceitação nas sucessivas edições dos Salmos & Hinos desde a primeira até à última edição clássica deste Hinário.

Uma coisa é certa, quer os Cânticos do Evangelho, quer as Canções Tradicionais, quer em particular estes dois Hinos que referi, fazem parte de um património inestimável da Humanidade, um presente de Deus ao Homem, que o Homem, pela sua inspiração, devolve a Deus, em forma de Ação de Graças imortal.

Hinos e cânticos que se renovam a cada idade e a cada geração, e que ficarão para sempre guardados nos nossos corações como tesouros da nossa infância, e recordação de todos os que ao longo das nossas vidas, no-los ensinaram, e cantaram ao nosso lado, conosco e por nós.

"Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens". Neste Natal faça-se nossa a voz dos anjos, e em nós se cumpra a tarefa e a missão e a responsabilidade de bem louvar a Deus.

Vosso, em Cristo



o lado autêntico do natal

Preparo-me para escrever sobre o Natal, procuro captar o espírito proposto pelo Evangelho e o culto milenar desta festividade, e avanço para o que é hoje o progressivo enfraquecimento dos seus valores de referência, alicerçados numa tradição que veio ofuscá-lo e adulterá-lo através de excentricidades, e da exuberância limitada duma prenda ilusória que, em vez de encher o espírito, esvazia o homem e o torna egoísta e incapaz de se satisfazer. Porque tudo se faz no imediato e vazio de magia de uma abundância podre, indiferenciado e dessacralizado, descaracterizando o verdadeiro Natal, que pouco mais é que uma "farrapada" de papéis coloridos, sem significado.

A cristandade, para além do calendário, vive a surpresa da mensagem do Natal cada ano sobre o encontro do Céu com a Terra... a lembrança do encontro definitivo de Deus com o homem para o libertar, ajudar a vencer a peregrinação terrena, repetir-lhe quanto o ama pela dádiva do melhor que tinha — o Seu próprio Filho.

Anuncia a melhor prenda que Deus tem para o Homem, ou seja, a encarnação do Verbo — a Luz que brilhou em Belém para toda a criatura. Celebra o Natal lembrando a excelência do momento mais espantoso e mais alto da História Humana... o da revelação do verdadeiro Deus e Pai, feito irmão universal, no Seu desígnio salvador aos homens de todos os tempos, de ontem, de hoje e de sempre até ao fim da História.

É este o seu sentimento de Natal cada ano; alegra-se com o bafo da ternura divina do sol que nasce, que chega como uma novidade a vir ao seu encontro, para lhe falar de paz, de amor, de fraternidade, de simplicidade, de alegria, de festa, de bondade. Evoca-o como a expressão clara do nascimento de Jesus Cristo — o Salvador, como sempre novo e sempre com o mistério profundo que o acompanha, com o mesmo encanto, cheio de luz; como o acontecimento impar que foi, o do encontro de Deus com o Homem para o saciar na

sua sede gritante de infinito, determinado para ser envolvente... segredar-lhe ao ouvido, e sempre de novo, que até no meio da escuridão vale a pena viver, vale a pena sonhar, vale a pena começar, vale a pena trabalhar, vale a pena lutar, vale a pena amar.

Nós, crentes, comemoramos o nascimento do Senhor sentindo-O como a esperança que está presente, o Deus connosco; interpretamos a sua dimensão espiritual e conservamo-la como revelação da bondade, da Graça, da Paz, e do Amor de Deus de alcance universal regenerativo de luz, a respeito da vida do Homem e sua dignidade; com Ele tudo vale a pena.

Acolhemos o Natal como uma mensagem que nos pede portas escancaradas, corações abertos sem cálculos nem reticências, que funcionem estendendo-se para além da troca de prendas e "mimos", que se façam à medida daqueles a quem não chega a ternura, nem o carinho de ninguém.

Vemo-lo como a festa de Deus, a festa do Homem, a festa da família, a festa da dignidade humana, a festa dos pobres, a festa da humanidade, que arrasta consigo a vantagem duma alegria que é contagiante e não deixa ninguém de lado; que a todos traga esperança num mundo que tem direito a ser feliz... que restaure o reencontro com o Natal de Jesus — o Deus da revelação cristã; aquele Pai amoroso que compreende e perdoa todos os desvios e insensatez do homem de todos os tempos e também de hoje.

Tendo como certo que todos pugnamos por um Natal verdadeiro à nossa volta, começemos por saber optar, deixando de desperdiçar o nosso tempo inutilmente e ajudando quem não tem onde reclinar a cabeça.

O verdadeiro crente deve saber que, diante dos inevitáveis sofrimentos da vida presente, pode contar sempre com o benefício da iluminação dum clarão de esperança vivendo o autêntico Natal.

Diácono Carlos Sousa - Igreja Metodista

esboço de uma **teologia** da esperança

Rev. Dr. Bob Butterfield
Igreja Presbiteriana

Para nós, cristãos, a esperança concentra-se em Jesus Cristo. A nossa esperança, baseada no relato bíblico, é que embora o pecado e a morte continuem a reinar neste mundo, cremos que Jesus Cristo já os venceu e que por meio dEle, nós também venceremos.

Claro que há várias maneiras de se interpretar tal esperança. Por exemplo, segundo São Paulo (1 Cor 15, 17.19), esta esperança situa-se em particular na vida para além da morte. Ou seja, esperamos que de alguma forma e num momento para nós desconhecido, Jesus Cristo volte para pôr um termo à História e fazer justiça. Assim, a cruz de Cristo constitui um julgamento sobre os poderes deste mundo (Cl 2, 15), o que significa que ficamos livres de tais poderes, mas significa também que ficamos livres da responsabilidade de transformarmos o mundo.

Nesta interpretação da nossa esperança cristã, a Igreja não pretende transformar o mundo, só proclama que este mundo e os seus poderes já foram julgados pela morte e ressurreição de Cristo. Por outras palavras, a cruz e a ressurreição têm um significado escatológico e apontam para o fim dos tempos (o Reino de Deus). No entanto, deve-se acrescentar que o caminho que leva a tal fim é tão distorcido e feio como a própria cruz, de modo que os sinais do fim do mundo são também distorcidos e feios e, regra geral, cheios de lágrimas e sangue, o que quer dizer que o Reino de Deus se faz visível sobretudo entre os pobres, indefesos e marginalizados.

Na ideia de muitos teólogos, só tal interpretação, que leva em conta as vítimas de todos os tempos, chega a ser não somente escatológica mas também transcendente e, então, capaz de nos inspirar e nos animar mesmo quando o mundo se nos afigura completamente desesperado.

Essa interpretação da nossa esperança cristã, basicamente Paulina, é muito convincente, mas cabe dizer que contradiz muito do que nos é dito nos evangelhos. Por exemplo, no Evangelho Segundo Lucas, Maria diz no seu cântico, a interpretar o significado do divinamente concebido feto que tem dentro de si, que por meio deste filho Deus vai efetuar uma enorme revolução social, dispersando os orgulhosos de pensamento e coração, derrubando os poderosos dos seus tronos e exaltando os humildes. E Jesus, ao inaugurar o seu

ministério adulto na sinagoga de Nazaré, confirma tudo isto (Lc 4, 14-30) e, sem demora, vai atuando de maneira a realizar tal revolução, libertando as pessoas das suas doenças, pecados, fome, sede, ignorância, etc., Esta forma de agir, que Ele continua a fazer até à sua morte e ressurreição, são na verdade gestos de libertação. Escusado é dizer que Jesus manda que os seus discípulos façam o mesmo, e no livro dos Atos dos Apóstolos, o que acontece é que os discípulos imitam Jesus textualmente. E no esquema que o autor de Lucas-Atos faz da história da salvação, a Igreja é vista como perpetuando esta revolução social até aos confins do mundo e até ao fim dos tempos.

Aqui alguns teólogos diriam provavelmente que resta o problema das vítimas que morreram antes de que a Igreja os tenha podido socorrer. A meu ver, no entanto, este problema desvanece-se à luz do facto de que o Cristo ressuscitado, em Lucas-Atos, tomar posição lá no futuro: no final do longo caminho que leva ao Reino de Deus, está Jesus a acenar-nos com a mão a fim de nos encorajar a agir em prol da revolução social e acelerar o nosso movimento rumo a si, como também para dar a todas as vítimas de todos os tempos o mais caloroso acolhimento.

Nesta segunda interpretação, a Igreja tem, de facto, a responsabilidade não só de proclamar a libertação das vítimas mas tem também a missão de agir no mundo de forma libertadora. Então, a principal diferença entre estas duas interpretações da esperança cristã é que, na segunda, a Igreja serve de agente de Deus não só na proclamação mas também na ação social e política, enquanto que, na primeira interpretação, a Igreja fica relativamente passiva, a observar a vida sociopolítica como que à distância.

Outra diferença importante é que, na primeira interpretação, só os indivíduos é que mudam, ficando, na melhor hipótese, justificados pela graça mediante a fé, mas a sociedade não muda de modo significativo até ao fim dos tempos, até Jesus voltar para julgar o mundo. De modo contrário, na segunda interpretação, o mundo não só pode mudar como também está em mudança constante, e a Igreja tem a responsabilidade de tentar influenciar e modelar esta mudança em prol dos pobres e indefesos. Claro que a maior parte das vezes a Igreja não vai conseguir, e até mesmo sabe de antemão que vai fracassar. Todavia, a verdade é que a Igreja sempre tem, como parte integrante da sua missão, a responsabilidade de fazer a tentativa, o que podemos entender como o equivalente moderno de pegarmos na nossa cruz e irmos com Jesus.

dar um sinal da nossa devoção a DEUS

Uma das minhas passagens bíblicas preferidas é a seguinte:

"Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e os ladrões não minam, nem roubam; porque, onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração." (Mt 6, 19-21)

Embora este texto bíblico tenha cerca de 2.000 anos é, claramente, atual. Quantas vezes ouvimos dizer que, se sair o Euromilhões, deixaremos de trabalhar ou embarcaremos em grandes viagens e passaremos a vida em festas?

Neste contexto lembrei-me da nossa dedicação a Deus através das nossas dádivas. Conforme já referi noutras alturas, a Bíblia tem centenas de alusões ao dinheiro. Se a Bíblia tem assim tantas alusões e referências, estamos claramente perante algo verdadeiramente importante no nosso relacionamento com Deus.

Dar é uma parte do que somos e a nossa atitude em relação a "dar" é um reflexo da nossa maturidade espiritual.

No evoluir da nossa maturidade espiritual podemos identificar 5 etapas.

Etapa 1: Não dou!

Muitos encontram-se nesta etapa. Desconfiança em relação à Igreja ou, pura e simplesmente, não dar, pois as coisas terrenas lhes são mais importantes. Nestes, a confiança centra-se neles, não confiando na Igreja.

Etapa 2: Não dou! Outros que deem!

No fundo, são pessoas com um pensamento idêntico ao descrito na etapa 1, que preferem fugir à sua responsabilidade para com a Igreja e Deus, mas que reconhecem que existe alguma responsabilidade para com Deus. Atrevo-me a afirmar que muitos estarão nesta etapa.

Etapa 3: Dou, mas não gosto!

O apóstolo S. Paulo refere que não devemos dar relutantemente, nem de má vontade. Muitos dão porque, simplesmente, se sentem obrigados. Questionam-se sobre se, com este dinheiro, poderiam fazer outras coisas.

Etapa 4: Dou, porque ajudo!

O coração começa a mudar. Começam a constatar que a Igreja suporta obras sociais, tem escolas dominicais, tem pastores que são pagos e ajudam a uma melhor compreensão da Bíblia e ao esforço global de evangelização. Verificam que a Igreja está atenta aos necessitados e às necessidades materiais e espirituais, quer dos seus membros, quer da comunidade onde se encontra inserida. Existe uma boa comunicação, baseada na transparência e na definição de objetivos claros e precisos. Têm, claramente, a perceção de para onde vão os seus donativos e do que é alcançado com os mesmos.

Etapa 5: Dou, porque quero agradecer a Deus!

Estamos perante pessoas transformadas. Estes crentes sentem a alegria de dar. Sentem-se de tal maneira abençoados, gratos e tocados por Deus, que não podem ter outra atitude que não seja dar a Deus com alegria. Sabemos que nunca poderemos devolver a Deus tudo o que Ele nos tem dado, mas podemos dar com gratidão e alegria.

Obviamente que estas 5 etapas são tipificadas e não obedecem, necessariamente, a uma ordem cronológica. Durante a nossa vida podemos passar duma etapa para outra ou, até mesmo, regredir.

Contudo, o nosso enfoque deve, claramente, estar em Jesus Cristo e devemos ter a consciência de que tudo aquilo que temos nos foi dado por Ele, de acordo com o Seu propósito para a nossa vida.

Portanto, quando damos, não esqueçamos que estamos somente a devolver um pouco do muito que recebemos.

Jorge Felício - Igreja Metodista



Ecos do trabalho. desenvolvido ao longo do ano 2013

Este ano foi vivido de forma intensa. Na primeira reunião da Direção, que teve lugar na Igreja do Mirante, em fevereiro, a coordenadora geral propôs-nos meditar sobre três passagens bíblicas.

Começando por Eclesiastes 3, 1-15, fomos induzidas à problematização do tempo do ser humano por oposição ao tempo de Deus, confronto que remete para *a cronologia da nossa vida* (o tempo humano) e para *o nosso relacionamento íntimo com Deus*. O primeiro é o caminhar da infância até à velhice, é o tempo que nos assusta, pela rapidez com que passa, com que nos consome, apontando para um fim; Eclesiastes alerta para a necessidade de nos libertarmos desse tempo que nos limita e nos constrange e convida-nos a procurar, e em Deus descansarmos, com os olhos no (re) nascimento permanente. Para isso só precisamos de parar, de O escutar, de seguir a Sua Palavra sempre oportuna e sempre cheia de sabedoria. Passando depois a Lucas 10, 38-42, numa breve narrativa sobre um dia da vida terrena de Jesus, duas posturas totalmente diferentes se ergueram diante de nós, posturas essas que nos levaram a reconhecer que na nossa vida, também nós, oscilamos entre 'ser Marta' e 'ser Maria'. Por fim, na terceira leitura, com a passagem "Porque eu, o Senhor teu Deus, te seguro pela tua mão direita, e te digo: Não temas; eu te ajudarei" (41, 13), o profeta Isaías incita-nos a ouvirmos a voz de Deus, a deixarmos o tempo da azáfama preconizado pela figura de Marta e a pararmos como Maria faz, diante de Jesus, para O ouvir, para O ungir.

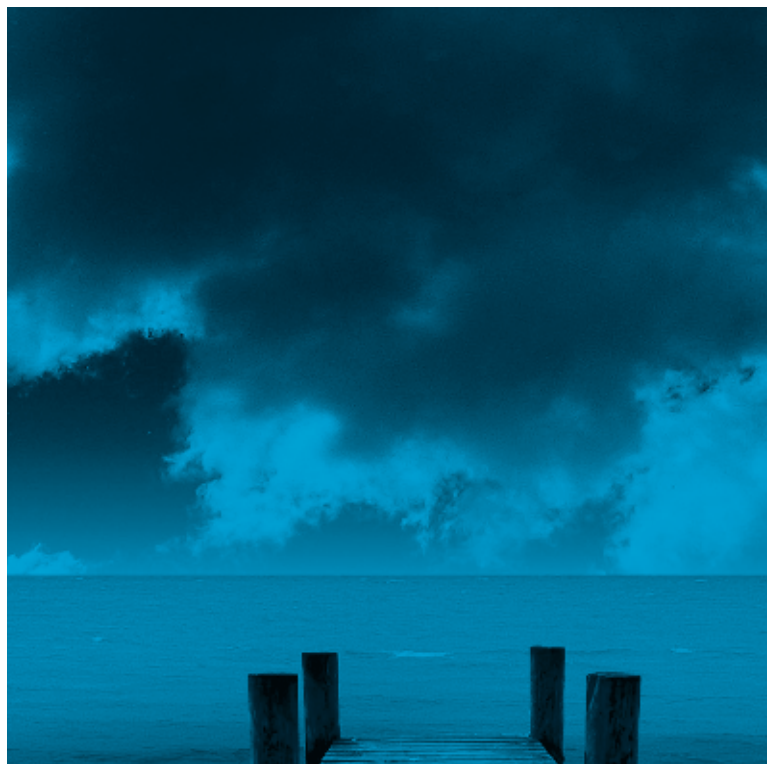
Da reflexão profunda sobre a agitação que atinge o nosso dia a dia, tendo por base as passagens bíblicas acima referidas emergiu o tema a trabalhar ao longo do ano: **Parar e disponibilizar-se para ouvir**, sempre norteadas pelos lemas, que elegemos há duas décadas atrás: *Conhecer Cristo e torná-Lo conhecido e Amar e Servir*.

Contemplando o nosso trabalho várias áreas: a da Espiritualidade, a da Cultura e Formação, a dos Contactos e a Financeira, sempre em interação, as coordenadoras implicaram-se em trabalhar o tema nos vários eventos que constituem a nossa cronologia anual. Na sequência determinada, foram acontecendo as atividades previstas, em várias

das nossas comunidades. A irmã Mavilde Gomes, coordenadora da área de Cultura e Formação foi, este ano, a nossa representante no Sínodo.

O **Plenário da FMM** aconteceu em Valdozende, a 9 de Março, reunindo representantes das várias comunidades da nossa Igreja, num total de 20. Coube à pastora Eunice Alves trabalhar o tema, servindo-se para o apresentar de um *power point* salientando quatro pontos: (i) Achar tempo; (ii) Parar e procurar ouvir Deus; (iii) Partir de novo; (iv) Vinde! As coordenadoras das várias áreas apresentaram os relatórios do ano 2012.

Da área da Espiritualidade surgiu, logo de seguida, a proposta de mais uma das suas publicações: o **Caderno n.º 6**, cujos contributos foram o suporte para os momentos de reflexão em diferentes momentos ao longo do ano.



A Mensagem de Deus

Parar e disponibilizar-se para ouvir

▶ O **Retiro Espiritual** realizou-se nos dias 4 e 5 de Maio no Seminário da Boa Nova em Valadares e nele participaram semana 23 mulheres das diferentes comunidades da nossa Igreja (Braga, Porto, Aveiro e Lisboa), contando ainda com a presença do Bispo Sifredo Teixeira e a de uma irmã da Igreja Pentecostal por nós convidada.



Iniciámos este tempo com um devocional de abertura dirigido pela pastora Cristina Aço, rematado com o hino “Eu Preciso de Ti”, implicando desse modo, cada uma de nós na temática: *Buscar Deus e ouvi-lo*. Seguiu-se leitura partilhada e responsiva de uma litania enviada pela pastora Eunice Alves. Retomando o tema, a diaconisa Estela Lamas lembrou que o 1º Retiro da Federação, ocorreu no mesmo local – Seminário da Boa Nova – a 19 e 20 de fevereiro de 1996, altura em que foi produzida e divulgada a 1ª Declaração da FMM, cuja leitura introduziu a sua reflexão, salientando que ao longo destes anos temos sido mulheres da Ressurreição.

Para reflexão individual, foi distribuída uma folha com a imagem de uma árvore – a árvore da nossa vida acompanhada de quatro perguntas:

(i) Quais são as raízes dessa árvore? (ii) Em que terra ela está plantada? (iii) O que tem alimentado a sua vida? (iv) Que perfume liberta e qual a cor das suas folhas?

Após um período de silêncio e de concentração para ouvir a voz de Deus, tivemos momentos de reflexão individual sobre a árvore da nossa vida, respondendo de seguida às questões que nos foram colocadas. Divididas em grupos de cinco, partilhámos as reflexões individuais, registando as conclusões da discussão e, apresentando-as em plenário, vivemos momentos intensos e profundos. Desta partilha e da afirmação da nossa Fé saiu a Declaração do Retiro Espiritual. No domingo, realizou-se o culto preparado e dirigido pela pastora Cristina Aço e pela diaconisa Estela Lamas, contando com a participação de todas as mulheres presentes. A encerrar este tempo de louvor lemos em conjunto a Declaração.



No **Campo de Férias**, de 1 a 7 de setembro, nas instalações da Fundação CESDA em Aveiro, estiveram reunidas 37 pessoas (3 casais e 31 mulheres) vindas das várias igrejas metodistas e irmãs de outras confissões religiosas. A semana foi preenchida com momentos devocionais; idas à praia da Barra-Aveiro, visitas ao Lugar dos Afetos, ao Museu Marítimo, à cidade de Viana do Castelo contemplando a ida ao santuário de Santa Luzia e por último, visita à cidade de Aveiro. Os momentos devocionais e o culto de encerramento, focando o tema do ano, estiveram a cargo da pastora Cristina Aço e da diaconisa Estela Lamas, contando neste último com a participação do Bispo Sifredo Teixeira. As coordenadoras Alice Rodrigues, Carlota Vilaça e Mavilde Gomes orientaram e supervisionaram todas as outras atividades desenvolvidas ao longo da semana. A diaconisa Emília Linhares esteve presente na abertura e no encerramento do Campo, tendo incitado à produção de trabalhos manuais que, como usualmente, se destinam a recolher fundos. Regozijamo-nos pela colaboração de duas jovens, Filipa Teixeira e Ana Almeida a acompanhar as atividades e dinamizando os momentos de convívio; a elas se juntou na última noite, a jovem Cláudia Aranha. Recebemos ainda a visita de irmãs das igrejas de: Aveiro, Mourisca de Vouga e Porto, entre as quais a coordenadora geral da Federação, Ana Paula Magalhães.

O apoio do General Board da U.S. Methodist Church, permite-nos manter vivo o nosso **Programa de Bolsas** (seis bolsas); esperamos, no próximo ano, com um reforço procurado junto de outra Associação à qual apresentámos nova candidatura, poder alargar esta nossa missão a jovens do género masculino.

**Faz-me ouvir,
A tua Palavra!
Eu te escuto, ó Pai,
Pronto(a) a obedecer.**

Caderno Exultai, n.º 80

*Diaconisas
Emília Linhares / Estela Ribeiro Lamas*

DR. ANDRÉ KARAMAGA - SEC. GERAL DA AAC



NOITE CULTURAL COREANA



ORÇÃO DE TAIJÉ



DAIME MARY TANNER



DR.ª AGNES ABUOM



MENSAGEM DO PAPA À ASSEMBLEIA DO CMI

Na perspetiva da 10ª Assembleia Geral do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) que teve lugar na cidade de Busan, Coreia do Sul, de 30 de Outubro a 8 de Novembro, o Papa Francisco enviou uma mensagem de saudação que foi lida pelo Cardeal Kurt Koch, Presidente do Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos. A Igreja Católica Romana (ICR), que não é membro do CMI, colabora ativamente em vários grupos de trabalho e integra o Departamento de Fé e Constituição do CMI.

Como sempre o tem feito, uma delegação da Santa Sé, chefiada pelo Cardeal Koch, esteve presente na Coreia, como observadora. Na sua mensagem, o Papa Francisco espera que o tema da Assembleia - Deus da vida, conduz-nos à justiça e à paz - servirá para "consolidar o compromisso de todos os cristãos a intensificar a sua oração e colaboração ao serviço do Evangelho e da humanidade. O nosso mundo globalizado exige um testemunho comum para que a dignidade que Deus concedeu a todo o ser humano seja a garantia das condições socioculturais que permitam que os indivíduos e as comunidades possam crescer livremente... Fiéis ao Evangelho, e em resposta às necessidades do mundo, devemos ir ao encontro das periferias existenciais e aí manifestar a nossa solidariedade com os mais fracos, os pobres e os doentes, os emigrados e refugiados, os diminuídos, os idosos e os jovens sem emprego. Sejamos todos fiéis à vontade do Senhor para a Sua Igreja e abertos à inspiração do Espírito Santo."

(VIS, 8/11/03)

DIÁLOGO COM O PÚBLICO DE HOJE

Politização da religião, direitos das minorias religiosas e das pessoas sem documentos, paz e reunificação da Península Coreana foram alguns dos assuntos discutidos e apresentados nos comunicados públicos adotados pela 10ª Assembleia do CMI. Foram igualmente focados outros casos preocupantes tais como a presença e o testemunho Cristão no Médio Oriente, a situação na República Democrática do Congo e a comemoração do 100.º aniversário do genocídio arménio de 1915.

Após indicar vários caminhos e sugestões para se alcançar a paz e a justiça neste mundo do Senhor da Vida, o documento termina com dois compromissos:

- a) "Juntos nos comprometemos a partilhar o amor de Deus pelo mundo buscando a paz e protegendo a vida";
- b) "Juntos nos comprometemos a defender a dignidade humana, vivendo a justiça nas nossas famílias e comunidades, transformando os conflitos sem violência e rejeitando todas as armas de destruição massiva"

(WCC News, 8/11/2013)

O "PAI NOSSO" COM NOVA VERSÃO

A tradução do Pai Nosso será ligeiramente modificada na sua versão francesa, em uso desde 1966 na Igreja Católica Romana, e entrará em vigor nos lecionários de 2014 e nos missais em 2015 e é destinada ao mundo francófono, tendo sido validada pelo Vaticano.

A súplica "não nos submetas à tentação" passará "não nos deixes entrar em tentação". A versão atual poderia fazer-nos pensar que era Deus que tentava o fiel para o experimentar... A correção introduzida no Pai Nosso, apesar de não ultrapassar uma linha, é da maior importância para os católicos.

Há quase 50 anos, a expressão "não nos submetas à tentação" aparecia "não como errada, mas confusa" segundo o Bispo Bernard Podvin, porta-voz da Conferência Episcopal Francesa. "Pedir ao Pai que não nos deixe cair em tentação, é pedir-Lhe a força para combater e recusar completamente a tentação, como o Filho o fez." ...e para

a grande maioria dos cristãos, este papel pertence ao demónio tentador, a Satanás".

A atual versão francesa adotada após um consenso ecuménico de 1966, após a conclusão do concílio Vaticano II, com ortodoxos e protestantes, ficou sujeita a debate. Alguns ortodoxos e alguns protestantes optaram por outras formulações.

(CEF - 19/10/2013)



qui es aux cieux,
que ton nom soit
sanctifié, que ton
règne vienne, que ta volonté soit
faite sur la terre comme au ciel.
Donne-nous aujourd'hui notre
pain de ce jour; et pardonne-
nous nos offenses comme nous
pardonnons aussi à ceux qui
nous ont offensés, et ne
nous soumets pas à la tenta-
tion, mais délivre-nous du Mal.



PAPA APELA AO PERDÃO COMUM ENTRE CATÓLICOS E LUTERANOS

O Papa Francisco recebeu hoje no Vaticano representantes da Federação Luterana Mundial, aos quais disse que católicos e luteranos devem "pedir perdão" uns aos outros e empenhar-se no diálogo ecuménico.

"Católicos e luteranos podem pedir perdão pelo mal que causaram uns aos outros e pelas suas ofensas, cometidas à vista de Deus. Juntos, podemos regozijar-nos com o desejo de unidade que o Senhor despertou nos nossos corações e nos faz olhar com esperança para o futuro", declarou.

A intervenção do Papa evocou o programa celebrativo comum que tem em vista assinalar os 500 anos da Reforma protestante, em 2017.

"Acredito que é importante para todos confrontar em diálogo a realidade história da Reforma, as suas consequências e as respostas que Lhe foram dadas", declarou.

Francisco apelou a um caminho de "diálogo e comunhão", face a todas as dificuldades e divergências, destacando a importância do "ecumenismo espiritual"...

O Papa assinalou ainda o 50.º aniversário do diálogo teológico católico-luterano, cujo documento principal, até hoje, é a declaração conjunta sobre a Doutrina da Justificação (31 de outubro de 1999).

Francisco pediu que se enfrentem as "questões fundamentais" e as divergências que surgem "no campo antropológico e ético". "É certo que não faltam as dificuldades e não faltarão, vão exigir ainda paciência, diálogo, compreensão recíproca, mas não tenhamos medo", referiu.

As principais divisões entre as Igrejas cristãs ocorreram no século V, depois dos Concílios de Éfeso e de Calcedónia (Igreja copta, do Egipto, entre outras); no século XI com a cisão entre o Ocidente e o Oriente (Igrejas ortodoxas); no século XVI, com a reforma protestante e, posteriormente, a separação da Igreja de Inglaterra.

Luteranos (75 milhões), calvinistas/presbiterianos (80 milhões) e anglicanos (77 milhões) são as principais comunidades das chamadas 'Igrejas tradicionais' provenientes da Reforma, a que se juntam 60 milhões que se encontram ligadas ao metodismo.

A Comissão Católico-Luterana para a Unidade propôs um programa comum para assinalar os 500 anos da Reforma, com o tema 'Do conflito à comunhão'.

(21 out 2013, (Ecclesia))



fórum ecuménico jovem

300 jovens 'invadiram' o Seminário Maior de Lamego a 9 de novembro. O FEJ 2013, na sua XV edição, é organizado pelos departamentos juvenis das Igrejas Católica Romana, Lusitana, Metodista e Presbiteriana.

'Permanecei em Cristo' foi o lema escolhido em tempo de pós-vindimas, por terras do Alto Douro Vinhateiro. Tudo começou com o acolhimento assegurado pelo Serviço Diocesano da Pastoral Juvenil de Lamego, coordenado pelo Pe. Bráulio. O Pe. João Carlos, pró-Vigário Geral da Diocese, deu as boas vindas aos participantes neste evento e abriu as portas do Seminário Maior a jovens vindos de norte a sul do país.

Depois, coube às Igrejas apresentarem-se, de forma criativa, aos jovens. E assim se chegou a um almoço partilhado, onde Lamego ofereceu o que constituiu imagem de marca desta terra: o presunto, a bôla, as maçãs... para além de um caldo verde em dia frio e chuvoso.

D. António Couto, biblista e Bispo de Lamego, abriu a tarde para explicar aos jovens a parábola da videira verdadeira que é Cristo. Apresentou como solução única a enxertia para que dê frutos doces e abundantes. Há que saber também que a limpeza/poda se faz pela Palavra de Deus e é preciso fazer um novo percurso de vida para dar frutos. A celebração final, de envio, teve como momento forte o compromisso dos participantes na construção de vidas e comunidades bem enxertadas em Cristo e, por isso, geradoras de felicidade e comunhão, produzindo frutos abundantes.

A animação das assembleias plenárias e da celebração foi confiada ao grupo musical Almacave Jovem, de Lamego.

Pe Tony Neves

notícias

Igreja Metodista

SÍNODO

O Sínodo da IEMP decorreu entre 19 a 21 de abril, em Aveiro nas instalações da Fundação CESDA. “O que Deus exige de ti?” (Miqueias 6, 6-8) foi o tema escolhido, apelando à disponibilidade e compromisso das nossas comunidades de fé. Foi um tempo de escuta e aprovação dos vários relatórios, sendo todos eles reveladores do grande esforço desta igreja em prol da missão através de todas as suas atividades.

Houve oportunidade para receber algumas visitas das quais destacamos a presença de uma



delegação da Conferência do Norte da Geórgia da Igreja Metodista dos Estados Unidos da América que esteve connosco durante todo o fim-de-semana de trabalhos assim como a presença do Bispo Emérito da Igreja Metodista do Brasil, Rev. Richard Canfield em representação do Bispo João Carlos Lopes da Sexta Região.

Este Sínodo, ficou ainda marcado pela readmissão do Rev. Miranda André como membro do Conselho Presbiteral e pela aprovação da ordenação ao Ministério Presbiteral da Pastora à Prova Ana Cristina Aço. A ordenação teve lugar no culto oficial de encerramento do Sínodo, na Igreja de Aveiro, tendo tido como pregador convidado, o Rev. Michael L. Selleck.

No final, ficou bem presente a ideia de que é preciso caminhar no sentido daquilo que Deus exige de cada um dos seus membros: praticar a justiça, amar tudo aquilo que possa estimular a partilha e a solidariedade e andar com simplicidade e humildade nos caminhos do Senhor.

CAMPO DE FÉRIAS DO DEPARTAMENTO DA JUVENTUDE METODISTA

“Não sei quem te prende mas sei quem te liberta – JESUS” foi o tema que deu mote à edição de 2013 do Campo de Férias da Juventude Metodista. Decorreu de 4 a 11 de agosto nas instalações da Igreja de Valdozende.

Estiveram presentes 40 jovens, numa semana que os levou a questionar e debater temas como: O que te prende?; A tua fé em definição; Desafios de um relacionamento com Deus; Jesus é quem te liberta. Foi uma semana muito abençoada, com momentos de partilha, oração, louvor, debate, desporto, divertimento, lazer, criatividade e muitos desafios, que permitiram consolidar o espírito de grupo e a fé em Jesus Cristo.





CAMPO BÍBLICO DE FÉRIAS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

O Campo Bíblico de Férias dos mais novos teve lugar nas instalações da Igreja Metodista em Valdozende, de 21 a 27 de julho de 2013. O tema deste ano foi: “Desafiados a aprender.”

Participaram quarenta e nove crianças e adolescentes. Estiveram acompanhados por oito monitores e tiveram o apoio, principalmente para as refeições, de duas irmãs da Igreja de Valdozende. Houve oportunidade para aprenderem acerca de Cristo e do seu amor, para louvar e adorar, para passeio e piscina, para partilha e companheirismo. Oramos para que o Senhor continue a abençoar todos e todas que participaram, de modo a que o amor de Cristo permaneça e seja vivido e partilhado.

CONFERÊNCIA DAS IGREJAS DA EUROPA

A Conferência das Igrejas da Europa, CEC, teve a sua Assembleia-geral em Budapeste, Hungria, de 3 a 8 de julho de 2013. Estiveram representadas cerca de 120 Igrejas e Federações de Igrejas. Teve como tema: “De que é que estás à espera?” baseado em Atos 22, 14-16.

No decorrer dos trabalhos foi aprovada uma nova Constituição que permitirá que a organização seja mais eficiente no cumprimento da sua missão de forma a ser um testemunho cristão permanente, que ajude a Europa e o mundo a crer. É um documento em que a Conferência volta a assumir o compromisso de ajudar as Igrejas da Europa a partilharem a sua vida espiritual, a fortalecerem o seu testemunho e serviço comum, a promoverem a unidade dos cristãos e a paz no mundo.



CONFERÊNCIA DA IGREJA METODISTA DO NORTE DA GEÓRGIA

A Conferência anual da Igreja Metodista Unida, do Norte da Geórgia, EUA, teve lugar de 10 a 13 de junho em Athens. O tema deste ano foi: “Pontes para a Missão.” O Bispo Sifredo Teixeira e o Rev. Eduardo Conde estiveram presentes em representação da Igreja Metodista Portuguesa que, a partir deste evento, passou a fazer parte do programa de ação missionária da referida Conferência.

Estiveram presentes mais de 3000 membros. Para além dos assuntos que foram tratados, destacamos: a ordenação de um número assinalável de novos Pastores(as); o início do tempo de prova de várias candidatas ao ministério Presbiteral; e a comunicação à Conferência, com transmissão em direto via internet para todo o mundo, dos vários países que estão envolvidos no programa “Bridges to Mission” (Pontes para a Missão). As respetivas delegações tiveram ainda a possibilidade de realizarem sessões de esclarecimento e apresentação de projetos passíveis de virem a ser apoiados e mantiveram, no decorrer da Conferência, uma banca informativa no átrio do Centro de Conferências.

Os trabalhos encerraram com o devocional de envio para missão dirigido pelo Bispo Michael Watson que presidiu à Conferência.





NOVAS INSTALAÇÕES DA IGREJA METODISTA DE LISBOA

Foi com muita alegria e satisfação que a Igreja Evangélica Metodista Portuguesa realizou o Culto de inauguração das novas instalações da Igreja Evangélica Metodista de Lisboa. O Culto teve lugar no passado dia 30 de junho, pelas 10:00 horas. Foi presidido pelo Bispo Sifredo Teixeira e marcou o início da Festa da Inauguração. Nas mais de 200 pessoas que estiveram presentes, reinou o sentimento que o salmista expressou quando disse: “Alegrei-me quando me disseram: Vamos à Casa do Senhor” (Sl 122, 1).

As novas instalações ficam situadas na R. Vitor Santos, Lote R5 - Lojas A&B, Bairro da Horta Nova, 1600-785 Lisboa.



CONSELHO MUNDIAL METODISTA

Presidido pelo Bispo Paulo Lockmann, da Igreja Metodista do Brasil, decorreu em Londres, de 9 a 13 de setembro, o Conselho Mundial Metodista. A reunião teve lugar na Wesley's Chapel, onde o Conselho foi iniciado em 1881. Estiveram presentes cerca de 320 representantes das Igrejas Metodistas no Mundo, para orarem juntos, partilharem experiências, encontrarem formas de poderem juntos cumprir melhor a missão que Cristo também lhes confiou. A Igreja Metodista Portuguesa esteve representada pelo Bispo Sifredo Teixeira e pela irmã Ana Paula Magalhães.

CONSELHO EUROPEU METODISTA

Este ano, o Conselho teve lugar entre os dias 14 e 17 de setembro, na cidade de Wuppertal na Alemanha. Reúne líderes da Igreja Metodista de toda a Europa para partilhar, coordenar e aconselhar sobre questões atuais da igreja, incluindo o apoio ao trabalho do Fundo de Missão na Europa. De uma forma muito particular, os trabalhos deste ano formam marcados pelo contexto de crise na Europa e os desafios ao emprego, com destaque para os jovens. Para melhorar a dinâmica interna de funcionamento do Conselho foram criados diversos grupos de trabalho para dar desenvolvimento às áreas achadas pertinentes. A representar a Igreja Metodista Portuguesa estiveram o Bispo Sifredo Teixeira e o Rev. Eduardo Conde.



Circuitos do Porto e Braga

MIRANTE | Bodas de Ouro

No dia 1 de setembro, integrado no Culto das 11:00 horas, teve lugar a celebração breve, a pedido dos “noivos”, das Bodas de Ouro Matrimoniais do casal Alice e Alberto Rodrigues, que escolheram o hino 362 para ser entoado pela congregação, constituída além dos membros e frequentadores habituais, pela família, amigos e convidados de várias igrejas evangélicas do grande Porto. Os restantes hinos foram os entoados também no dia do casamento, há 50 anos atrás.

Dirigiu o ato, com muita dignidade, o Bispo Revº Sifredo Teixeira, ficando todos surpreendidos pela atuação de um coro que cantou o cântico “Que o Senhor vos abençoe para sempre”, com letra adaptada do filme Música no Coração “Edelweiss”.

No dia seguinte, iniciaram a “viagem de núpcias” rumo à cidade de Aveiro onde os esperava, na Instituição CESDA, um confortável apartamento que, como os demais, já acolhiam irmãos e irmãs sob a responsabilidade da Federação das Mulheres Metodistas, chegados na véspera para o habitual Campo de Férias anual.

Digno és Senhor de todo o louvor.



com um estudo bíblico campal que foi seguido pelo almoço de sardinhas, broa e salada oferecidos pela Região. Da parte da tarde houve uma gincana bíblica para as crianças, jogos tradicionais e muita conversa e partilha.

CULTO DA REFORMA

No passado dia 3 de novembro pelas 15:30 realizou-se o já tradicional culto da Reforma da Região Protestante do Centro, desta vez na Igreja do Bebedouro. Foi convidado o pastor José Manuel Cerqueira e esteve presente o Grupo de Metais das Alhadas para dirigir o louvor.



1ª SEMANA BÍBLICA DE FÉRIAS

Entre os dias 29 de julho e 3 de agosto realizou-se, no Centro Social da Cova e Gala, a 1ª Semana Bíblica de Férias da Região Protestante do Centro.

As pastoras Sandra Reis e Maria Eduarda Titosse dirigiram este campo que contou com a presença de cerca de 18 crianças e adolescentes. Foi um tempo de aprendizagem sobre a Bíblia, em particular, sobre o plano que Deus tem para as suas vidas. Entre banhos de mar, passeios e brincadeiras, cada criança e adolescente foi desafiada/o a pensar sobre Deus e a estudar as Sagradas Escrituras. No último dia, foi realizado um culto com a presença dos pais e outros familiares, em que as crianças apresentaram filmes, peças de teatro e músicas que fizeram e aprenderam durante a semana. Que Deus continue a guardar e a abençoar todos os participantes, é a nossa oração.



Região Protestante do Centro

PIQUENIQUE

No dia 6 de junho de 2013 realizou-se mais um piquenique da Região Protestante do Centro no Parque das Merendas da Praia da Tocha. Este tempo de comunhão, descontração e alegria é já um marco da nossa caminhada. Somos família que caminha, se alegra e cresce em unidade. Iniciámos este encontro



Igreja Presbiteriana

67º SÍNODO

(12 e 13 de Outubro e 23 de Novembro de 2013)

Na Igreja Evangélica Presbiteriana de Lisboa (Tomás), reuniram-se os irmãos constituídos como representantes das diversas Igrejas Presbiterianas, Conselhos Regionais, Departamentos, Comissões de Trabalho, Pastores, Conselho Fiscal e Comissão Executiva. Tivemos a alegria de ter participantes de Ligares, Região Centro e Região Sul. O Conselho Regional dos Açores, não podendo estar presente, enviou saudações. Sentimos alegria pelas visitas pessoais e institucionais e com satisfação lemos as cartas de saudação, realçando a nossa dimensão de comunhão nacional e internacional.

Durante dois dias, a partir de relatórios diversos, houve oportunidade de refletir sobre a vida da IEPP. Muitos foram os pontos de vista trocados, as questões suscitadas, com vista ao conhecimento e à descoberta de caminhos e compromissos conjuntos. Assim acontece o Concílio na sua essência de conciliação, de chegar a acordo, de articulação, de união, de criação de paz fecunda.

O momento de louvor e oração, no culto de abertura e na celebração conjunta com a comunidade da Tomás, foram momentos de re(união).

Inserir na Assembleia Geral a oração e escuta da Palavra em conjunto dá-nos uma outra dimensão do que é SER SÍNODO; lembra-nos porque somos Igreja, quem é o verdadeiro líder, quem realmente nos une e qual a nossa missão. Orar em conjunto, na procura de caminhos, desafia-nos a dar as mãos, a viver a Graça de Deus e a sentir a dimensão do perdão e do amor.

Conviveram ao longo das diversas sessões o empenho, a frontalidade temperada pelo respeito pelos outros; evidenciou-se a diversidade. Procurou-se, como órgão máximo da igreja, de visão e compromisso, o amor cristão. Manifestou-se a sabedoria de que procuramos ouvir não as nossas vozes, mas a manifestação do Senhor da Igreja, pelo seu Espírito Santo: "Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas" (Ap 3).

O Sínodo foi local de partilha, momento de clarificação, tempo de preparar a terra e as sementes para a sementeira. Dois dias não foram suficientes. Continuámos no dia 23 de Novembro. Em todas as coisas Deus tem um propósito (Ecl 3; Rm 8, 28). Foi um dia reservado ao futuro, à aprovação de orçamento, à definição de planos de ação e estratégias. Para isso, muito contribuíram as diversas propostas apresentadas pelos delegados que, na primeira sessão, haviam sido desafiados a trabalhar e a apresentar. Caberá à Comissão Executiva, com envolvimento de todos, gerir e promover o



cumprimento, em correta execução da visão da Igreja.

Os desafios são muitos e necessitam da entrega total, de toda a Igreja, sem reservas nem impedimentos. O Senhor da Igreja, apela a cada um.

Sabemos, na humildade e arrependimento, que muitas vezes os nossos caminhos não são os seus caminhos, as nossas palavras não são as suas palavras, os nossos pensamentos não são os seus pensamentos (Is 55). Mas cremos, pela fé, que Ele nos ama, agrega, transforma, nos faz povo seu, não por méritos nossos, para que ninguém se vanglorie, mas pela graça, pelo amor (Ef 6, 8-9).

Cremos e queremos, no meio das nossas palavras e empenho, criar espaços e encontros para descobrir a manifestação do Espírito, a alegria de servir. "... a minha palavra, que sair da minha boca; ela não voltará para mim vazia, antes fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a enviei." Acreditamos que a promessa de Deus se cumpre na nossa vida: "com alegria sairemos, e em paz seremos guiados; os montes e os outeiros romperão em cântico diante de nós, e todas as árvores do campo baterão palmas. Em lugar do espinheiro crescerá a faia, e em lugar da sarça crescerá a murta; o que será para o Senhor por nome, e por sinal eterno, que nunca se apagará" (Is 55, 11-13).

Pedimos a toda a Igreja, a cada irmã e irmão, a cada amiga e amigo que orem por nós, Sínodo da IEPP, para que toda a glória seja de Deus. Oremos uns pelos outros para que o ardor da presença de Deus nos refaça a todos, mulheres e homens, jovens e adultos, dando-nos a alegria de servir a anunciar a Boa Nova (Lc 24).